

LIVROS

A história do golpe do 'Faraó dos Bitcoins'

Esquema de pirâmide financeira enganou ricos, famosos e anônimos. Por Marcus Lopes, para o Valor, de São Paulo



Queda livre
Isabela Palmeira e
Chico Otávio
História Real/
Intrínseca, 208
págs., R\$ 49,90

Garhar dinheiro fácil em investimentos que pagam juros fixos irrealistas muito acima das taxas tradicionais oferecidas pelo mercado financeiro, sem riscos, é um pensamento sedutor, não fosse um único detalhe: milagres desse tipo não existem. Trata-se de uma ganância cujo efeito concreto é abrir janelas de oportunidades a golpistas travestidos de magos das finanças com o dinheiro alheio.

Além disso, a história, exemplos não faltam de pessoas enganadas ao tropeçarem na própria ambição, desde o clássico golpe do bilhete de loteria premiado vendido a preço de banana a sofisticados planos de fraudes com criptomoeças. Um dos casos mais emblemáticos envolve o operador de moedas virtuais Glaudson Acácio dos Santos, conhecido como "Faraó dos Bitcoins".

Preso desde agosto de 2021 em uma operação da Polícia Federal, o ex-garçom, ex-flanelinha e ex-pastor evangélico é acusado na justiça de montar um sofisticado esquema fraudulento de pirâmide financeira que movimentou mais de R\$ 38 bilhões em apenas seis anos, entre 2015 e 2021. Pelo menos 89 mil pessoas, incluindo pessoas ricas e famosas, teriam sido enganadas por Santos e sua mulher, a venezuelana Mirelis Yoseline Díaz Zerpa.



Glaudson Acácio dos Santos e a mulher, Mirelis Yoseline Díaz Zerpa, "faraós dos bitcoins", teriam enganado pelo menos 89 mil pessoas

Os dois estão presos, e a trajetória de ascensão meteórica e o tombo mais rápido ainda é contada em "Queda livre: A história de Glaudson e Mirelis, faraós dos bitcoins". No livro, uma grande reportagem, os jornalistas Chico Otávio e Isabela Palmeira destrincham a história que ganhou as manchetes dos veículos de comunicação pela impressionante capacidade do casal em manipular as pessoas de tal forma a acreditarem em investimentos extremamente vantajosos, mas que se revelaram falaciosos.

Do ator e humorista Rafael Portugal a anônimos como a comerciária fluminense Érica da Silva Pereira, que vive na região dos Lagos e colocou todas as economias nas mãos dos "faraós", os clientes foram enganados por um esquema que, na aparência, era muito atraente: investimentos em moedas virtuais que prometiam render pelo menos 10% fixos de juros, por mês. Nada mal para um país em que a inflação fechou o ano de 2023 em 4,52%. A base dos negócios era a região dos Lagos, onde viviam os supostos empresários.

Nos primeiros anos das operações, os investidores recebiam em dia o dinheiro mensal dos dividendos. O resultado foi uma carteira de clientes cada vez mais robusta. Os sonhos de Glaudson andavam nas nuvens junto com os juros da sua empresa, a GSA.

Com tanto sucesso e dinheiro girando rápido, em pouco tempo ele imaginava desbancar os grandes bancos tradicionais. Porém, sequer tinha autorizações do Banco Central e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Por operar à revelia da CVM, Glaudson foi acusado de crimes contra o sistema financeiro nacional, de organização criminosa e de lavagem de dinheiro.

Segundo apuração da Polícia Federal e do processo que corre na Justiça, o milagre da multiplicação dos lucros era baseado em um clássico caso de pirâmide financeira: o dinheiro novo que entrava na empresa pagava o lucro dos mais antigos e assim sucessivamente, numa ciranda sem lastro financeiro e que causou os bilhões de prejuízos, dos quais apenas uma pequena parte con-

seguiu ser recuperada pela polícia.

No livro, os jornalistas contam como, desde cedo, Glaudson, que nasceu em uma família muito pobre na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, era bom de lábia e sabia cativar e convencer clientes, seja como flanelinha, garçom ou especialista em finanças.

Os autores também contam como sua passagem por igrejas evangélicas, onde exerceu funções de missionário, ajudou nos negócios por meio da "teologia da prosperidade", em que a benção divina é atrelada ao sucesso material. Não à toa, grande parte dos primeiros clientes eram conquistados nos templos, muitas vezes à revelia das próprias igrejas.

"O Faraó vendeu a ideia de que o sucesso era ungido por Deus. E centenas de clientes disseram amém e investiram tudo que tinham", diz um dos trechos. Mas não foi apenas isso que alavancou o negócio. Conforme explica no livro a psicanalista Vera Rita de Melo Ferreira, o ser humano padecer de um otimismo excessivo e não enxerga riscos futuros, e não se para os outros. Há também o "efeito manada", em que a pessoa espia a prosperidade do amigo, vizinho ou parente com as receitas financeiras milagrosas e pensa que "se deu certo com ele, também dará certo comigo". O resultado é que todos afundam juntos.

O livro não é apenas o relato de um golpe e da vida de seu inventor, segundo os autores: "É uma história sobre os caminhos que podem levar alguém da tentação do ganho fácil à ganância desenfreada e à demolição moral".

Romance de formação de um cineasta

Diretor Oswaldo Caldeira cria ficção de inspiração biográfica. Por Dirceu Alves Jr., para o Valor, de São Paulo



Cineasta de projeção na década de 80, o mineiro Oswaldo Caldeira construiu uma filmografia marcada por diferentes temáticas. Em "O Bom Burguês" (1983), tratou dos bastidores da guerrilha na ditadura e, em "O Grande Mentecapto" (1988), tomou por base a obra do escritor Fernando Sabino (1923-2004) para levar às telas um personagem xiquetesco. Em 1999, ele

propôs uma visão crítica da Inconfidência Mineira com "Tiradentes", o mesmo terreno histórico que inspirara "Ajuricaba", sua estreia ficcional nos longos-metragens, em 1977.

Diante dessa multiplicidade de assuntos, não surpreende que o seu primeiro romance, "Onde o mar começa", seja tão pouco convencional do ponto de vista narrativo. Aos 80 anos, Caldeira busca inspiração em sua própria vida, embora não se trate de uma autobiografia, e constrói um retrato geracional relacionado àqueles que desafiaram o conservadorismo e as limitações financeiras em nome do sonho de viver de arte. Mesmo que impere uma visão excessivamente romântica, típica dos que derrubaram barreiras em um país que começava a formar uma identidade cultural própria, o livro funciona como um relato de jovens que acreditaram em seus sonhos — e, muitas vezes, os concretizaram.

A diferença não está no jeito de contar. A diferença está mesmo em contar, na diferença entre viver e contar", escreve o narrador, ainda nas primeiras páginas. O protagonista e narrador é Alberto Silveira, garoto superprotegido pela mãe devota da Igreja Metodista, principalmente depois da morte precoce do pai, aos 42 anos, quando ele tinha apenas 8. No fim da adolescência, o jovem encontra na tela do cinema o respiro para a existência castradora, começa a escrever críticas e entende que só tomará as rédeas da vida longe de Minas Gerais, no Rio de Janeiro.

Ve por outra, Caldeira se assume como Alberto, que tem como apelido de infância Waldo, e permite ao leitor associações dele com o alter ego. No começo dos anos 60, o protagonista se vê diante do mar e, no Rio, escreve o seu próprio romance de formação. Como estudante de filosofia, mora em pensões, se mantém de pé com, no máximo, uma refeição diária, conhece e se enturba com o circuito intelectual de Ipanema e cava oportunidades para se tornar um cineasta.

Chega a ditadura, a barra pesa e o seu perfil pessoal e artístico, marcado pela sensibilidade e pelas crises existenciais, fica fora de moda. Mas, para Alberto, fazer cinema é coisa de herói e ele vai enganando a fome, a falta de dinheiro para o aluguel e as responsabilidades da vida adulta porque, para a sua geração, o sonho ainda não tinha acabado. O seu nome, finalmente, figura nos créditos de um filme, os convites para os festivais internacionais aparecem e o desbunde do sexo, drogas e rock'n'roll, enfim, liberta a pessoa outrora tão reprimida.

Caldeira, como romancista, se revela um cineasta em tempo integral. A narrativa de "Onde o mar começa" se aproxima mais do roteiro de um filme que de um livro. O que importa, como o autor havia avisado, é contar histórias e, muitas vezes, elas aparecem de um jeito informal, narradas com uma coloquialidade e sem preocupações estilísticas, como se o livro fosse só um meio de expressão para um entredo que seria, depois de filmado e editado.

Tal impulso criativo não se caracteriza como problema. Pelo contrário, resulta em um livro apaixonado, apaixonado, que mantém a essência daquela juventude desapegada e disposta a mudar o mundo. Como literatura, vai interessar àqueles que gostam das histórias do efervescente Rio de Janeiro dos anos 60, mesmo que nenhum personagem real seja identificado. Quem sabe este primeiro passo não estimule Caldeira a publicar um livro em que registre os bastidores de suas produções e as suas experiências no cinema.



Cineasta Oswaldo Caldeira estreia no romance

Lançamentos



Uma enciclopédia nos trópicos
Beto Ricardo e Ricardo Arnt
Zahar
328 págs., R\$ 109,90

O antropólogo e ativista Beto Ricardo foi responsável por ações cruciais na defesa dos direitos de nossos povos originários e pela conservação do meio ambiente — como a coordenação de várias expedições relativas à demarcação no alto e médio rio Negro e a instalação de redes de radiofonia entre os povos da Amazônia. Em livro escrito em parceria com o jornalista Ricardo Arnt, ele rememora a sua luta e as contribuições de nomes como Darcy Ribeiro, Eduardo Viveiros de Castro, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Marina Silva, Milton Nascimento e Gilberto Gil; e de sua companheira, Fany Ricardo.



Catedrais
Cláudia Piñeiro. Trad.: Marcelo Barbão
Primavera Editorial
252 págs., R\$ 69,90

O corpo de uma adolescente é encontrado esquarterado e queimado num terreno baldio de um bairro tranquilo. Crime que prosegue sem solução 30 anos depois. Quando a verdade é exposta, fica clara a crueldade a que podem conduzir o fanatismo religioso e a cumplicidade dos medrosos. Neste suspense estão claros os elementos marcantes da literatura de Piñeiro: a investigação de laços de família, os preconceitos sociais e as ideologias que marcam mundos privados. A escritora argentina, também dramaturga e roteirista, já recebeu diversos prêmios, entre eles o Clarín Nobel de 2005 por "As visões das quintas-feiras", que foi levado ao cinema.



Afinal, o que é ciência?
André Demicheli Bacchi
Dexterium
176 págs., R\$ 55,00

O cientista André Bacchi, doutor em ciências fisiológicas e atualmente professor adjunto do curso de medicina da Universidade Federal de Rondônia, aborda neste livro como a ciência funciona e como podemos — e devemos — incorporar o pensamento científico às nossas vidas. Ele procura responder o que é ciência, como ela funciona, para que serve, o que a diferencia de pseudociência, como é impactada pelas fake news e pela desinformação. Ele compara a ciência a um par de óculos que aprimora a nitidez da nossa visão da realidade ao questionar o senso comum e as crenças que acumulamos ao longo das gerações.



Dentro de tudo, a noite
Marana Borges
240 págs., R\$ 58,00
Reformatório

Vencedora do Prêmio Minas Gerais de Literatura e semifinalista do Ozeanos por "Mobilidade para uma fuga em março", de 2021, Marana Borges está de volta. Desta vez, a narrativa se dá em um contexto em que objetos e a arquitetura de um casarão do século XIX voltam a ganhar vida. O foco está em uma família que vive no epicentro da crise econômica que derruba fazendas de café do Vale do Paraíba. Entre os personagens está a pequena Aparecida, que sonha em ser árvore; e o pai, figura xiquetesta, que escreve cartas em defesa da falida monarquia. A atravessar todos os cômodos está a noite, e o leitor há de adentrar nela como fazem as personagens. ■